

## 14º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2023

## 13º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2022

### O projeto *ARTivismo antirracista processos de criação II*: teias criativas na luta por igualdade e justiça

EVELYN EDUARDA MARTINS DO NASCIMENTO<sup>1</sup>, ROSA AMÉLIA BARBOSA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Câmpus Ilha Solteira, [e.eduarda@aluno.ifsp.edu.br](mailto:e.eduarda@aluno.ifsp.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), Mestra em Educação (UFU), Graduada em Artes Visuais e Pedagogia, Docente EBTT, IFSP, Câmpus Ilha Solteira, [rosa.barbosa@ifsp.edu.br](mailto:rosa.barbosa@ifsp.edu.br)

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.03.00.00-6 Artes

**RESUMO:** O projeto *ARTivismo Antirracista: processos de criação II* teve início em 2021. Trata-se de uma pesquisa-ação que busca estabelecer conexões profundas entre história, cultura e contemporaneidade nos termos das relações étnico raciais. Sua exploração da arte como veículo de expressão e resistência (artivismo) oferece uma abordagem que enegrece as referências e convida ao enfrentamento do racismo, ao mesmo tempo que desconstrói a ideia estrutural da sociedade brasileira como eurocêntrica. O percurso metodológico da pesquisa, em andamento, se faz de maneira cartográfica. A investigação expande horizontes por meio de processos criativos, entrelaçando-os com estudos críticos e teóricos, contribuindo assim para a descolonização o entendimento da história nacional brasileira. Ao fazer isso, o projeto abre novas perspectivas sobre o mundo e a arte, interseccionando conceitos e relacionando saberes plurais sobre questões raciais e a luta contra o racismo com a produção estética e criativa. Ao costurar passado, presente e expressão artística, o projeto transcende barreiras convencionais com ousadia e inovação. A interseção entre arte e ativismo enriquece a jornada, desafiando fronteiras e moldando uma trajetória transformadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** arte; artivismo; processos criativos; antirracismo; história nacional.

### **ARTivism Anti-racist creation processes II – Creative webs in the fight for equality and justice**

**ABSTRACT:** The project *ARTivism anti-racist creation processes II* is a builder of connections between history, culture and contemporaneity, it started in 2021. Its exploration of art as a vehicle of expression and resistance offers a unique approach to face daily prejudices, at the same time deconstructing the idea that structures Brazilian society as Eurocentric. The initiative aims to expand horizons through creative processes, intertwining them with critical and theoretical studies, thus contributing to the decolonization and understanding of Brazilian national history. By doing so, the project opens up new perspectives on the world and art, intersecting concepts and relating plural knowledge on racial issues and the fight against racism with aesthetic and creative production. By sewing past, present and artistic expression, the project transcends conventional barriers, facing everyday prejudices with boldness and innovation. The intersection between art and activism enriches the journey, challenging boundaries and shaping a transformative trajectory

**KEYWORDS:** art; artivism; creative processes; antiracism; national history.

### **INTRODUÇÃO**

O projeto *ARTivismo Antirracista: processos de criação II* teve início em 2021. Trata-se de uma pesquisa-ação que busca estabelecer conexões profundas entre história, cultura e contemporaneidade nos termos das relações étnico raciais. Através de uma abordagem criativa e engajada, a investigação

explora as complexidades do racismo com vistas a promover pensamento crítico por meio da expressão artística.

No seu processo espaço-temporal, o projeto tem se constituído como uma plataforma inspiradora, que mobiliza pessoas a participarem ativamente da pesquisa e das atividades criadoras, contribuindo com a construção de diálogos significativos, questionamentos contundentes e abordagens conceituais sobre a luta antirracista urgente e necessária em todos os aspectos da vida cotidiana. As discussões atravessam o ambiente acadêmico e abrem brechas que fraturam o entendimento coletivo sobre as violências raciais, tão presentes na vida da população brasileira, especialmente dos corpos negros.

O percurso metodológico da pesquisa, em andamento, se faz de maneira cartográfica. É no ir e vir das buscas e levantamentos teóricos que se manifestam os insights criativos que impulsionam o trabalho de ateliê para a criação artística. Em todos os momentos, a análise interpretativa se consolida, desde a escolha da materialidade, até a exposição dos trabalhos artísticos. Nesta jornada, o projeto busca apontar para e também catalisar transformações sociais, convidando todas as pessoas a se unirem na luta por igualdade e justiça, rompendo assim a linearidade histórica branca, eurocêntrica e colonialista que alicerça nossa história.

Das abordagens conceituais e teóricas discutidas até aqui, ressalta-se a potência das mulheres negras e do feminismo negro, são elementos que marcam não só o posicionamento político das pesquisadoras, mas essencialmente tocam nas questões sobre a identidade.

Estudos da genética afirmam que a espécie humana é uma só, mesmo diante da diversidade de fenótipos. Se com base no DNA não é possível definir quem é branco ou negro, então a identidade racial é algo que se constrói socialmente. Desde o nascimento as atitudes dos outros em relação a si nos ajudam a criar um desenho mental sobre 'o que sou eu' e 'o que é o outro'. Esta lógica pode ser imposta como diz Djamila Ribeiro: 'Me descobri negra na escola. Na família não recebia tratamento diferente pela cor de pele. Logo eu não tinha cor.' As interações também informam o valor social das pessoas conforme as características corporais. (Soares, 2022, p. 65, grifo do autor)

Intelectuais como Lélia Gonzalez (2017, 2018), Carolina Maria de Jesus (1960), bell hooks (2019), Djamila Ribeiro (2019, 2019a) falam sobre como o patriarcado influencia nossas vidas, seja mulheres, homens, corpos trans. No sentido das relações sociais, os corpos das mulheres negras constituem a "base da base da pirâmide" como diz a artista visual Rosana Paulino (2018).

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O percurso investigativo circula entre as múltiplas e transitórias estratégias utilizando o método da cartografia (Deleuze; Guattari, 2011), principalmente por permitir a interlocução entre distintas áreas do conhecimento com a arte. Esse entrecruzamento é uma forma rizomática de produzir saberes, não obedecendo a relações subordinadas ou hierárquicas.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho de pesquisa que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da investigação.

O desafio é realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais caminhar para alcançar metas prefixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisador sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados. (Passos; Barros, 2020, p. 17).

Esta perspectiva dá abertura para poder operar por deslocamentos, construindo, inventando e reinventando no próprio ato de pesquisar enfatizando sua dimensão política. Simultaneamente des(E)nvolvemos a investigação teórica/histórica, o exercício estético/interpretativo e a elaboração poética/artística. Ou seja, pesquisar, contextualizar, produzir, (re)pensar, construindo um ciclo.

O método é, portanto, carregado de performatividade, no sentido de ser uma vivência e incorporação por parte das pesquisadoras articulada com uma ação pedagógica e a produção de conhecimento, na qual as pesquisadoras são agentes e interagem com o próprio objeto de estudo.

Uma das técnicas utilizadas é a pesquisa documental, revisitando a catalogação da materialidade artística construída na trajetória de 2021 e 2022 do projeto. Esta catalogação refere-se a um mapeamento da produção artística afro-brasileira em circulação na arte contemporânea e os resultados de cada ano da pesquisa.

O processo de pesquisa integra o estudo histórico e conceitual intencionando construir análises/interpretativas críticas. Dentro desse espectro, as práticas em ateliê e a organização de mostras e suas repercussões. Os referenciais utilizados são diversos, especialmente digitais, utilizando didaticamente a tecnologia para viabilizar construções significativas de experiências artísticas e estéticas na perspectiva antirracista.

Por se tratar de uma cartografia de pesquisa implicada, documental e qualitativa as necessidades de equipamentos relaciona-se à biblioteca do *campus*, mas conta também com o acervo da docente orientadora. Os relatórios e acervos da pesquisa são construídos de maneira colaborativa utilizando-se da ferramenta institucional, o *OneDrive*.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo das referências negras nas práticas artísticas contemporâneas, alinhadas aos processos de ensino e experiências artísticas escolares, nos permitem discutir a luta antirracista no próprio *campus*. O diálogo com diferentes autorias, permite enegrecer as referências, ampliando as apreciações estéticas em relação a outras áreas de conhecimento pelas vias da arte contemporânea e do ativismo entendido no projeto como a junção intrínseca entre arte e ativismo. Essa dinâmica é cheia de possibilidades e desafios. Temos debatido e construído um percurso, no contexto da educação básica e tecnológica, que esbarra em práticas escolares reprodutoras dos mecanismos racializados e discriminantes que precisam ser superadas.

O fazer interdisciplinar do projeto que permeia saberes artísticos, sociais, culturais políticos e econômicos transcende a prática pedagógica condicionada dentro de cada componente curricular. Os exercícios de pesquisa e produção artística configuram um espaço/tempo específico que é inovador no sentido de articular-se com as perspectivas de educação ativa e dos processos de aprendizagem mediados. O que fazemos é romper com a consolidada e resistente educação bancária, ainda (infelizmente) tão presente nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio tornando a estudante pesquisadora e vice-versa.

Os resultados de cunho científico/artístico consolidados até o momento associando com outras áreas de conhecimento, com os conceitos de arte contemporânea e com a produção artística afro-brasileira, focando desenvolvimento epistemológico criativo, inspirado pela produção da pesquisa. Temos ainda, submetido os resultados parciais da pesquisa às diferentes chamadas para participação em eventos se articulam tanto com a temática antirracista quanto com as experiências artísticas que viabilizam a fruição estética, intimamente relacionadas com o ativismo, fio condutor do projeto. Além da divulgação dos resultados acadêmicos, a perspectiva é mobilizar uma exposição dos trabalhos artísticos na Fundação Cultural de Ilha Solteira.

O depoimento, como bolsista, também evidencia os resultados que temos alcançado, a saber:

Desde a minha aprovação no processo seletivo do projeto *ARTivismo antirracista processos de criação II*, venho estudando sobre arte, cultura, história brasileira, mulheres e feminismo negro. Ainda inconcluso o projeto tem mudado e transformado meus modos de ser, pensar e atuar diante do feminismo negro e das questões raciais. Hoje em dia não sou mais a mesma que entrou no projeto, pois tenho uma visão totalmente diferente sobre tantos assuntos. Confesso que nunca tinha me encontrado até descobrir o feminismo negro e entender que o racismo é estrutural me ajuda muito a compreender minhas próprias experiências. Reconhecer toda uma história que antes eu desconhecia é muito intenso! (Depoimento)

## CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

A forma engajada com a qual a pesquisa tem sido desenvolvida, reflete a perspectiva de uma pesquisa implicada. A relação da teoria com a prática proposta por Paulo Freire (2017) somada à não separação teórico-metodológica anunciada por bell hooks (2017) se consolida nos exercícios criativos do projeto, ainda em construção.

O percurso metodológico construído de forma colaborativa, que adequa tempo e recursos para tornar a investigação exequível e mais ainda, convida ao pensamento crítico continuamente. É quase uma recusa ao pensamento fragmentário. Importa dizer que sobre a educação antirracista nos aproximamos do Núcleo de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/IFSP), por meio de interações e mediações compartilhadas.

A viabilidade do projeto *ARTivismo Antirracista: processos de criação II* atravessa questões imprescindíveis na luta por igualdade racial, já que o antirracismo não pode ser apenas denúncia, ele precisa tornar-se prática, neste caso, com o artivismo. Não é demais reiterar que a luta antirracista é uma luta por libertação e, se o racismo é estrutural, o antirracismo também deve ser, especialmente nas práticas pedagógicas de ensino, pesquisa e extensão.

A produção artística pessoal está em andamento. Os resultados serão apresentados em publicações posteriores.

## CONTRIBUIÇÕES DAS AUTORAS

Todas as autoras contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida. A iniciação científica oportuniza o exercício da escrita acadêmica e a primeira tentativa de publicação da estudante bolsista.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de São Paulo que financia a bolsa de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do IFSP (PIBIFSP) que viabiliza a execução da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde18062019181514/publico/bento\\_do\\_2002.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde18062019181514/publico/bento_do_2002.pdf). Acesso em: 30 jun. 2023.

BOOTH, Wayne C. **A arte da pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no 9.394/96. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BULHÕES, Maria Amélia. **Arte contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: C/Arte, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-Brasileira**. Belo Horizonte : C/Arte, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. vol 1. 2. ed. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. (Coleção TRANS)

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. Documentário: **Em busca da Lélia**. Bahia. Beatriz Vieirah. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=fv5\\_xRpHV2s](https://www.youtube.com/watch?v=fv5_xRpHV2s). Acesso em 15 JUL. 2023.
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos, 2019.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- PASSOS, E. BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.. **Pistas do método cartográfico**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2020.
- PINACOTECA DE SÃO PAULO. **Rosana Paulino**: a costura da memória. Curadoria Valéria Piccoli, Pedro Nery. Textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a.
- SOARES, Manoel. **Para meu amigo branco**. São Paulo: Agir, 2022.